

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-02-27

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Nevado, A. & André, P. (2018). Visões práticas e colaborativas em casos de regeneração urbana em Lisboa . In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves (Ed.), Laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. III - Seminário de investigação, ensino e difusão. (pp. 9-31). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Nevado, A. & André, P. (2018). Visões práticas e colaborativas em casos de regeneração urbana em Lisboa . In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves (Ed.), Laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. III - Seminário de investigação, ensino e difusão. (pp. 9-31). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Visões práticas e colaborativas de casos de regeneração urbana em Lisboa.

Ana Nevado
(DINÂMIA'CET-IUL/ISCTE-IUL)
anevado.arq@gmail.com

Paula André
(DINÂMIA'CET-IUL/ISCTE-IUL)
paula.andre@iscte-iul.pt

Resumo

Perante os ciclos de crescimento/declínio urbano, a depredação de recursos, e os fenómenos recentes relacionados com as mudanças socioeconómicas (e.g.: turistificação), as especificidades dos lugares e a preservação/conservação das pré-existências afiguram-se relevantes na contemporaneidade. Mas a questão da identidade cultural dos lugares contemporâneos é plural e a ideia de património é difusa, sendo necessário criar reflexões críticas, estabelecer relações entre os suportes científico-conceptuais, as realidades e os territórios de atuação. Inserido na temática “Dinâmicas urbanas” do “Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes”, este ensaio pretende investigar sobre o fomento das relações identitárias entre as comunidades locais com o legado material (construído) e imaterial (e.g.: tradições) considerando, por um lado, o *adaptive reuse* e, por outro lado, o conhecimento histórico e a diversidade dos lugares, no âmbito de operações integradas de regeneração urbana. Metodologicamente, recorreu-se à consideração de visões e práticas no âmbito do planeamento e da gestão colaborativa em diversos casos de regeneração urbana em áreas não centrais da cidade e da área metropolitana de Lisboa (Bairro Cova da Moura; Alcântara; zona ribeirinha oriental de Lisboa). Propõem-se modos de regenerar coletiva e colaborativamente na contemporaneidade, através de princípios gerais de intervenção com base em experiências internacionais, considerando, no entanto, as especificidades de cada lugar e a importância da participação pública nesses processos integrados e integradores. Conclui-se que o (re)conhecimento histórico, o debate e a participação pública e as possíveis relações simbióticas entre o poder público e os agentes privados (e.g.: co-produção; *coworking*) contribuem em larga medida para reforçar laços identitários entre territórios e comunidades, conjugando a teoria com a prática.

Palavras-chave: regeneração urbana, práticas colaborativas, património histórico-cultural, identidade(s), participação pública

Introdução

O presente ensaio estrutura-se na introdução – com uma breve apresentação do tema em estudo, o seu enquadramento conceptual, os objetivos (gerais e específicos) e as metodologias utilizadas –, no desenvolvimento, nas considerações finais e nas referências bibliográficas.

Tema em estudo

A cidade de Lisboa fascina e comove pela história que contém e revela. A sua grande diversidade de territórios, pessoas e atividades colocam-na no patamar internacional de cidades cosmopolitas. Por um lado, pela procura incessante de acompanhamento de outras capitais e, por outro lado, pela riqueza histórica e patrimonial que se (re)conhece diariamente nas suas paisagens urbanas. Essa acumulação de memórias históricas constrói, conseqüentemente, “paisagens de memória(s)” (i.e.: *MemoryScape*)¹, as quais são dinâmicas e revelam potencial de reutilização e de reinterpretação dos lugares e dos significados na contemporaneidade.

Partindo do pressuposto de que “o património é uma ideia”, não correspondendo a algo concreto, mas antes a processos complexos de múltipla significação², enalteçemos a relevância da relação entre a teoria, a prática e o conhecimento histórico nos processos de redesenvolvimento territorial e, conseqüentemente, de reconstrução da(s) história(s) dos lugares.

Sob uma perspetiva estratégica e inclusiva, a temática do presente ensaio prende-se com a relevância que as dinâmicas urbanas, as atividades culturais, o conhecimento (trans)histórico e os processos colaborativos adquirem no âmbito das operações de regeneração urbana na cidade contemporânea³, especificamente no caso de Lisboa. Face à célere depredação de recursos e da paisagem urbana, à diversificação e ao alargamento da escala global, torna-se necessário reforçar elementos identitários e simbólicos no (re)desenvolvimento de territórios e de comunidades, não apenas em áreas centrais, estendendo-se também a zonas (sedimentadas) periféricas.

Enquadramento conceptual

Conceptualmente, definem-se os seguintes conceitos operativos nesta abordagem:

- i. *Regeneração urbana*: objetiva melhorar a qualidade de vida e engloba conceitos como a “reabilitação urbana”, prevendo uma “regeneração urbana integrada”⁴. A complexidade inerente aos processos técnicos, organizacionais e socioeconómicos de redesenvolvimento territorial é manifestada sobretudo nos casos de intervenção em áreas urbanas com malhas históricas consolidadas, assim como em edificado patrimonial⁵. Deste modo, a regeneração urbana é neste contexto compreendida como ação abrangente, integrada e integradora, que visa a coesão socioeconómica dos territórios e o aumento da competitividade territorial⁶.
- ii. *Adaptive reuse*: na sequência do fenómeno de crescimento recente de áreas urbanas o conceito refere-se aos processos de reutilização de espaços e edifícios antigos e/ou obsoletos, atribuindo-lhes usos distintos dos de origem⁷. Neste

¹ BUTLER, T. – ‘Memoryscape’: Integrating Oral History, Memory and Landscape on the River Thames.

² SMITH, L. – Discourses of heritage: implications for archaeological community practice.

³ ALVES, S. – Planeamento colaborativo em contextos de regeneração urbana.

COLAVITTI, A. M. – Urban Heritage Management: Planning with History.

⁴ SPANISH PRESIDENCY – Informal Ministerial Meeting on Urban Development Declaration – Toledo.

ALPOPI, C., MANOLE, C. – Integrated Urban Regeneration – Solution for Cities Revitalize.

⁵ Semana da Reabilitação Urbana de Lisboa – Programa.

⁶ SPANISH PRESIDENCY – Informal Ministerial Meeting on Urban Development Declaration – Toledo.

⁷ LEADBETER, P. – Adaptive reuse of heritage buildings - Do current planning and heritage controls support the concept?

contexto, o conceito é compreendido como compromisso entre a preservação e a conservação histórica e a demolição ponderada⁸.

Objetivos

Como objetivo geral deste ensaio, pretende-se explorar modos alternativos, inclusivos e colaborativos de (re)criar e/ou adaptar identidades culturais e património histórico à contemporaneidade.

Como objetivos específicos, pretendemos:

- i. demonstrar a importância que os municípios e entidades públicas locais desempenham nos processos de regeneração de áreas urbanas não centrais;
- ii. relevar a figura da “parceria” nos modos de colaboração inclusiva na cidade contemporânea, visando a co-produção⁹.

Metodologias

Metodologicamente, são apresentados diversos casos contemporâneos de regeneração urbana de carácter espontâneo na cidade e na área metropolitana de Lisboa (AML), tendo sido selecionados os seguintes casos de estudo:

- a. Bairro do Alto da Cova da Moura;
- b. Bairro da PRODAC;
- c. Alcântara;
- d. Zona ribeirinha oriental de Lisboa.

Para o efeito, foi considerada uma dimensão empírica neste estudo, tendo sido realizadas diversas visitas aos locais enumerados e levantamentos fotográficos. Consideraram-se e/ou investigaram-se ainda os seguintes elementos:

- i. recolha bibliográfica;
- ii. elementos identitários e simbólicos existentes nos territórios considerados (e.g.: coletividades; vestígios industriais);
- iii. programas e iniciativas internacionais de regeneração urbana (e.g.: URBACT¹⁰; *Co-City*, no âmbito da *UIA Cities*¹¹), fomentando o estabelecimento de parcerias (i.e.: entre Universidades, comunidades, fundações e associações, etc.);
- iv. iniciativas camarárias no âmbito da regeneração e da reabilitação urbana (e.g.: Estratégias de Ação Coletiva - “Iniciativa Bairros Críticos – Cova da Moura”¹²; “Semana da Reabilitação Urbana de Lisboa – Uma visão abrangente do processo de reabilitação”; Sociedades de Reabilitação Urbana – SRU’s; parcerias locais; etc.).

Finalmente, são indicados princípios sequenciais e gerais para uma atuação colaborativa contemporânea, no âmbito da regeneração urbana.

BULLEN, P., LOVE, P. – A new future for the past: A model for adaptive reuse decision-making.

⁸ LEADBETER, op. cit.

BULLEN, LOVE, op. cit.

⁹ SCHLAPPA, Hans – Co-production. A new perspective on partnership.

¹⁰ URBACT – The URBACT Tribune.

¹¹ UIA - UIA Cities. Co-City Turin.

¹² HORTA, P. – Estratégia de acção colectiva: iniciativa bairros críticos. Operação Cova da Moura.

Desenvolvimento

Considerando a evolução da cidade contemporânea, os efeitos da suburbanização (i.e.: *urban sprawl*), o declínio urbano, a necessidade de prevenir fenómenos de *gentification* (i.e.: *filtering up*¹³) e de turistificação, são necessárias políticas de intervenção adaptáveis às dinâmicas de mercado, com recurso à participação pública¹⁴.

O “planeamento colaborativo” insere-se na teoria homónima e remete para um modelo de planeamento e de gestão focado para a questão cívica, ao delegar responsabilidades e preparar planos diretamente relacionados com os agentes e promotores envolvidos¹⁵. Esse modelo é também reconhecido pelos seus processos partilhados de construção de decisões, pelo “planeamento comunicativo” e pela consideração do papel que as pessoas podem desempenhar, contribuindo para melhorar os processos de planeamento e de gestão urbana¹⁶. Contendo dimensões interativas e interpretativas em contextos contemporâneos multidimensionais, considera quatro pontos fundamentais:

- i. arenas de debate de (re)produção e de (re)negociação;
- ii. (re)produção de conhecimento, fundamental às tomadas de decisões;
- iii. racionalidade comunicativa entre os agentes envolvidos (e.g.: populações locais, entidades governamentais e/ou privadas);
- iv. confiança (e.g.: prevendo investimentos e parcerias público-privadas)¹⁷.

A ideia da “cidade plural” – ou a *Civitas* na Roma Antiga –, remete para a questão da cidadania, do processo de enraizamento individual e coletivo, e o “direito à cidade”, materializado por via do associativismo¹⁸. Essa questão prende-se também com a criação de identidade(s) coletiva(s). Assim, a questão do “orgulho” local e nacional dos lugares é relevante, na medida em que incita à participação pública no ato de transformação e de beneficiação das pré-existências, elevando-o à categoria de *património*. Essas ações são também compreendidas sob a perspetiva da *performance*, ou seja, ligando as populações aos lugares e relacionando as dimensões materiais e imateriais¹⁹.

Numa perspetiva de “cidade evolutiva”, no âmbito do “desenvolvimento sustentável”²⁰ e da economia circular, consideramos o conceito e as relações de simbiose geradas pelos agentes intrínsecos à mudança, em sistemas integrados e recíprocos²¹.

¹³ FONG, J., LING, A. – Filtering: Gentrification in reverse.

¹⁴ ALVES, op. cit.

GUNTON, T., DAY, J.C. – The theory and practice of collaborative planning in resource and environmental management.

¹⁵ GUNTON, DAY, op. cit.

¹⁶ ALVES, op. cit.

GUNTON, DAY, op. cit.

¹⁷ Baseado em: Planning Tank. Happy, healthy and successful human settlements!

¹⁸ ENCYCLOPEDIA BRITANNICA – Civitas (Ancient Rome).

¹⁹ SMITH, op. cit.

²⁰ GENERAL ASSEMBLY OF THE UNITED NATIONS – Report of the World Commission on Environment and Development. ‘Our Common Future’ (Brundtland Report).

²¹ LENZI, C. – A política democrática da sustentabilidade: os modelos deliberativo e associativo de democracia ambiental.

“Simbiosis” provém do grego e significa “viver em conjunto”, “meios de subsistência”, tratando-se de “um vínculo associativo desenvolvido por exemplares de espécies distintas” (LENZI, op. cit., p. 19).

De acordo com a Agenda internacional de regeneração urbana, de planeamento e de gestão colaborativa²², consideramos como referências de atuação colaborativa alguns casos internacionais (e.g.: Reino Unido e Turim)²³. No âmbito da governança, o “planeamento de comunidade” e a “gestão colaborativa” surgem como meios de atuação rápida e adaptável às mudanças sociais, ultrapassando fronteiras disciplinares²⁴. Por outro lado, cremos que fomentam também a relação entre comunidades, territórios e identidade(s).

A década de 1970 foi marcada por programas experimentais governamentais no Reino Unido, especialmente direcionados para a regeneração económica de áreas urbanas críticas (e.g.: Glasgow). Porém, a capacidade económica era reduzida, sendo necessário envolver o setor privado²⁵. Assim, surgem as parcerias “público-privadas”, as quais têm vindo a ser utilizadas inclusivamente no caso nacional.

Considerando “o passado como ativo socioeconómico”²⁶ e “planeando com história”²⁷, cremos que a regeneração de espaços abandonados e/ou subutilizados nas cidades contemporâneas pode contribuir para criar novos empregos, gerando valor e riqueza. Através do estabelecimento de pactos colaborativos que visem a criação de processos de participação levados a cabo por comunidades locais, ambiciona-se aumentar o compromisso dos cidadãos para criar cidades mais coesas e inclusivas²⁸. Consideramos ainda que existe a necessidade de integração das estratégias colaborativas nos planos urbanos (locais e de desenvolvimento urbano estratégico), dotando-os de valências mutáveis/adaptáveis à realidade e à mudança.

A questão ambiental/ecológica é também pertinente para a melhoria da qualidade de vida e apropriação de espaços. No caso de Lisboa, existem já diversos casos de reabilitação e de regeneração de territórios, por exemplo através da inclusão de hortas urbanas (Figura 1).

²² ALVES, op. cit.

²³ HORITA, M., KOIZUMI, H. – Innovations in Collaborative Urban Regeneration. UIA - UIA Cities. Co-City Turin.

²⁴ HORITA, M., KOIZUMI, H. – Innovations in Collaborative Urban Regeneration.

²⁵ KOIZUMI, H. – Historical Development of Planning Theory and the Public Realm of Planning.

HORITA, KOIZUMI, op. cit.

²⁶ TERÁN, F. – El pasado activo: del uso interesado de la historia para el entedimiento y la construcción de la ciudad.

²⁷ COLAVITTI, op. cit.

²⁸ UIA - UIA Cities. op. cit.



Figura 1 - Vista de hortas urbanas comunitárias, Xabregas (Fotografia de Ana Nevado, 2017).

Definimos quatro zonas de estudo de relevância na área metropolitana de Lisboa (vd. Introdução), selecionadas tendo em conta a sua relevância na recriação de identidades locais. Enquanto que os casos a) e b) revelam intervenções de parceria entre entidades públicas, privadas e populações em áreas residenciais desqualificadas, os casos c) e d) são direcionados para o redesenvolvimento socioeconómico de áreas urbanas pós-industriais, albergando diversos espaços e eventos relacionados com as artes, interligando diversos agentes, promotores e parcerias público-privadas.

a. Caso de estudo – Cova da Moura

O “Bairro do Alto da Cova da Moura” localiza-se na AML, numa zona limítrofe à cidade de Lisboa e de carácter suburbano, mais concretamente no município da Amadora²⁹. A sua génese é ilegal e é frequentemente uma zona associada a problemas sociais. Apesar de ser considerado um bairro degradado, de barracas – com uma malha intrincada, espaços e edificado maioritariamente desqualificados –, beneficia da proximidade do transporte ferroviário³⁰. No entanto, na sequência da Estratégia de Ação Coletiva – “Iniciativa Bairros Críticos – Cova da Moura”³¹, nos últimos anos têm vindo a ser empreendidas intervenções por associações de moradores (e.g.: *Moinho da Juventude*; *Associação de Moradores do Bairro do Alto da Cova da Moura – Buraca e Amadora – AMBACM*) (Figura 2) através da reabilitação de habitações (Figura 3), apesar da fraca capacidade económica dos mesmos.

²⁹ Memória Portuguesa. Portugal em pormenor! – Bairro do Alto da Cova da Moura.

³⁰ Linha suburbana – Estação Santa Cruz/Damaia.

³¹ HORTA, op. cit.



Figura 2 – Vista de edificado rehabilitado pela AMBACM, Cova da Moura (Fotografia de Ana Nevado, 2016).



Figura 3 - Vista de edificado rehabilitado por privados, Cova da Moura (Fotografia de Ana Nevado, 2016).

Um dos problemas associados à génese ilegal do Bairro prende-se com o reconhecimento e com a identificação de espaços públicos e edificado. No entanto, recentemente foram criados elementos de identificação pelas comunidades locais que se relacionam com o lugar (e.g.: vestígios rurais/naturais, como o “Beco dos Carvalhais”), com a população local e com a sua história, maioritariamente relacionada com a fixação de comunidades provenientes de África/ex-colónias (e.g.: PALOP), após a Revolução de 25 de Abril de 1974 (Figura 4)³².

³² Têm sido também atribuídos números de polícia aos edifícios, no âmbito de processos de legalizações de edificações solicitados à CML para esse efeito.



Figura 4 - Vista da identificação de um arruamento, Cova da Moura (Fotografia de Ana Nevado, 2016).

O Plano de Pormenor do gabinete do Arq.º Vasco da Cunha não chegou a ser implementado. Porém, em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa (CML), a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) e as populações (e.g.: recorrendo ao *know-how* de diversos moradores que trabalharam no setor da construção civil), têm sido criados/reabilitados diversos equipamentos urbanos e sociais, de proximidade com as comunidades locais (e.g.: creches – Figura 5; Biblioteca e Centro de Documentação – Figura 6).



Figura 5 - Vista da creche social da Associação Cultural Moinho da Juventude, Cova da Moura (Fotografia de Ana Nevado, 2016).



Figura 6 - Vista da *Biblioteca e Centro de Documentação do Bairro da Cova da Moura – Associação Cultural Moinho da Juventude*, instalado num antigo edifício habitacional entretanto reabilitado e adaptado para o efeito, Cova da Moura (Fotografia de Ana Nevado, 2016).

As pré-existências são também alvo de intervenções de conservação e de beneficiação, com enfoque artístico e de relação com as histórias pessoais e coletivas dos moradores (Figura 7).



Figura 7 - Exemplo de arte urbana mural, Cova da Moura (Fotografia de Ana Nevado, 2016).

Apesar da falta de qualidade das construções e dos problemas sociais que ainda persistem, o Bairro adquiriu uma identidade que ultrapassa atualmente a escala nacional e material (e.g.: sucesso do grupo musical *Buraka Som Sistema*, originário da Amadora)³³. As

³³ Informação recolhida no âmbito da visita guiada ao Bairro da Cova da Moura no âmbito da iniciativa “Outra Lisboa”, que contou com a participação da Arq.^a Helena Roseta e diversos moradores locais, em 31.10.2016.

associações realizam sessões de esclarecimento e de debate regulares, contando com moradores do bairro (nacionais e internacionais), investigadores, entidades públicas (e.g.: CML) e demais interessados no conhecimento da história do bairro e no seu processo de redesenvolvimento. A comunidade destaca-se também pela sua gastronomia importada (sobretudo africana), mantendo diversos estabelecimentos de restauração que atraem visitantes exteriores.

b. Caso de estudo – Bairro da PRODAC

O Bairro da PRODAC³⁴ (norte e sul) localiza-se entre Chelas e Marvila, no território da antiga Quinta do Vale Fundão na zona oriental de Lisboa (Figura 8), na sequência do processo de realojamento da maioria da população do Bairro Chinês, na década de 1970³⁵.



Figura 8 - Vista geral do Bairro da PRODAC, Vale Fundão/Chelas (Fotografia de Ana Nevado, 2017).

Esse “(...) bairro feito por pessoas, para pessoas”³⁶, de autoconstrução, que reflete um espírito social, comunitário e interdisciplinar (e.g.: sociologia urbana)³⁷, representa uma das três experiências de autoconstrução em Lisboa, nascidas de dinâmicas comunitárias que importa reconhecer e manter na atualidade³⁸. O Bairro conta ainda hoje com diversas Associações de moradores (e.g.: Associação de Moradores do Vale Fundão; Associação

³⁴ Associação de Produtividade na Auto Construção – PRODAC, em regime de cooperativa.

³⁵ O Bairro Chinês - entretanto demolido - era de origem ilegal (i.e.: “bairro de lata/de barracas”) e surgiu na sequência do êxodo rural no final da década de 1950 para os arredores da capital, cujas populações buscavam melhores condições de vida e emprego no setor secundário. (Baseado em: <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/historia/marvila-e-a-nossa-historia-2/vale-fundao-e-bairro-da-prodac>).

³⁶ SANTANA LOPES, P. – Bairro Prodac. Prodac – Comunidade em construção.

³⁷ VALADAS, R. – Prodac: um ninho que evolui numa freguesia que se transforma. Prodac – Comunidade em construção.

REBOLO, J. – O realojamento do bairro chinês em Marvila. Participação e autoconstrução como processo – o caso da PRODAC (1970-1974).

³⁸ VALADAS, op. cit.

de Moradores do Bairro da PRODAC)³⁹, sendo um bairro já histórico na cidade e também uma freguesia municipal⁴⁰.

No processo de construção, reconstrução e melhoria do Bairro, destaca-se a intervenção da SCML, através de uma intervenção de proximidade de serviços de comunidade, reconhecimento da importância do desenvolvimento comunitário e local, da participação cívica e da inclusão social, gerando e implementando dinâmicas de intervenção social no município⁴¹. Destacam-se também as intervenções recentes arquitetónicas (e.g.: reabilitação de habitações de moradores), urbanísticas e sociais do *Atelier Mob*, em conjunto com a população local, através de diversas sessões de esclarecimento e definição de intervenções conjuntas⁴²; a melhoria das acessibilidades, levada a cabo pela CML, que promovem/beneficiam ligações entre a envolvente e o Bairro (Figura 9).



Figura 9 - Vista geral da melhoria de acessibilidades no Bairro da PRODAC, Vale Fundão/Chelas (Fotografia de Ana Nevado, 2017).

Embora não detenha qualidade arquitetónica e urbanística e esteja associado à conotação negativa de “bairro social”, é atualmente um caso de referência pela riqueza das comunidades locais, pelas suas histórias individuais e coletivas⁴³ e também pela sua localização privilegiada na cidade (e.g.: proximidade do rio Tejo e de outras centralidades, como o Parque das Nações).

O desenvolvimento e a manutenção de “hortas urbanas” são também uma marca identitária do lugar (Figuras 8-9), remontando à sua origem rural e produtiva.

³⁹ (Baseado em: <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/historia/marvila-e-a-nossa-historia-2/vale-fundao-e-bairro-da-prodac>).

⁴⁰ VALADAS, op. cit.

⁴¹ ESTEVES, S. – Coleção Comunidade. Prodac – Comunidade em construção.

⁴² Visando a obtenção das licenças de construção após a falência da PRODAC. (Baseado em: <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/historia/marvila-e-a-nossa-historia-2/vale-fundao-e-bairro-da-prodac>).

⁴³ ESTEVES, op. cit.

c. Caso de estudo - Alcântara

A zona de Alcântara localiza-se na parte ocidental da cidade de Lisboa e é uma área ribeirinha pós-industrial histórica que mantém diversas pré-existências (e.g.: Coletividades). Atualmente é um polo de interesse cultural, tendo sofrido intervenções através da SRU Ocidental e de diversos planos municipais⁴⁴. Atualmente é um polo importante na cidade e na AML, contendo diversos casos de sucesso no âmbito da regeneração urbana, tais como a *Lx Factory* (c.1) e o *Village Underground* (c.2) que seguidamente apresentamos.

c.1) Lx Factory

O complexo da *Lx Factory* localiza-se em Alcântara. Cremos que representa um caso de sucesso de regeneração de áreas pós-industriais ribeirinhas, conjugando intervenções artísticas, espaços de *coworking*, em edifícios reutilizados e/ou reabilitados (Figura 10).



Figura 10 – Vista da *Lx Factory*, em Alcântara (Fotografia de Ana Nevado, 2016).

c.2) Village Underground – Coworking Creative Community

O conjunto *Village Underground – Coworking Creative Community* é uma plataforma internacional para a criatividade e para a cultura⁴⁵, sediada em Alcântara, no espaço do Museu da Carris, a partir de 2014⁴⁶. As suas instalações resultam do reaproveitamento de antigos contentores da frente ribeirinha e de dois antigos autocarros que albergam espaços de escritórios, *clusters* de empresas, um espaço de conferência e um restaurante⁴⁷ (Figura 11).

⁴⁴ LISBOA OCIDENTAL, SRU – Lisboa Ocidental, SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana, E.M., S.A.

⁴⁵ VILLAGE UNDERGROUND LISBOA – Village Underground Lisboa.

⁴⁶ VILLAGE UNDERGROUND LISBOA – Village Underground Lisboa.

⁴⁷ VILLAGE UNDERGROUND LISBOA – Village Underground Lisboa.



Figura 11 - Vista do conjunto *Village Underground*, em Alcântara (Fotografia de Ana Nevado, 2016).

A sua localização privilegiada beneficia da proximidade de diversos meios de transporte, inserindo-se na malha antiga de Alcântara, e as instalações estão abertas 24h/dia, fomentando uma mistura de usos, em contínuo⁴⁸.

Enquanto comunidade criativa e já imagem de marca de Alcântara e de Lisboa, salienta a importância do *coworking* como forma colaborativa de produção de conhecimento e o fomento da economia locais e globais⁴⁹.

d. Caso de estudo – Zona ribeirinha oriental de Lisboa

A zona ribeirinha oriental de Lisboa é um território antigo, de génese rural e religiosa (e.g.: Convento do Beato), tendo passado pela sobreposição de infraestruturas industriais e portuárias. Afigura-se na atualidade como um lugar emergente e de inovação (Figura 12).

⁴⁸ VILLAGE UNDERGROUND LISBOA – Village Underground Lisboa.

⁴⁹ VILLAGE UNDERGROUND LISBOA – Village Underground Lisboa.



Figura 12 - Vista de edificado pós-industrial, em declínio, Xabregas/Beato (Fotografia de Ana Nevado, 2017).

A zona ribeirinha oriental da cidade de Lisboa é um território antigo⁵⁰ (Custódio e Folgado, 1999), mas afigura-se hoje como um território com potencial de regeneração urbana pelos inúmeros vestígios pós-industriais existentes e pela sua localização entre dois polos importantes na cidade (i.e.: Terreiro do Paço e Parque das Nações). Tal se deve também ao facto de essa zona ser alvo de importantes operações planeadas de regeneração urbana no âmbito do *Plano Geral de Intervenções da Frente Ribeirinha de Lisboa* (2008)⁵¹ da CML (e.g.: Jardins Braço de Prata e Plano de Pormenor da Matinha). Porém, apesar de ter existido uma SRU Oriental, a mesma não foi bem-sucedida tendo sido extinta em 2007.

Por se tratar de um território vasto e diversificado, destacamos os seguintes casos específicos de análise, maioritariamente pós-industriais⁵²: as *Coletividades* (históricas) (d.1); o *Hub Criativo do Beato* (HCB) (d.2); o complexo *Abel Pereira da Fonseca* (d.3); a *Fábrica de Braço de Prata* (FBP) (d.4).

d.1) Coletividades

À semelhança da zona ocidental (Alcântara), a zona oriental ainda mantém diversas coletividades no seu território, herdadas do seu passado industrial e associativo. O enfoque dessas entidades centra-se na prestação de serviços sociais, de proximidade, às comunidades (e.g.: atividades desportivas como ginástica e futebol, tais como o *Clube Oriental de Lisboa* – Figura 13) ou ainda casas de Fado.

⁵⁰ FOLGADO, D., CUSTÓDIO, J. – Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial.

⁵¹ CML – Documentos prospetivos. Plano Geral de Intervenções da Frente Ribeirinha de Lisboa.

⁵² FERREIRA DE PAULO, J., SARMENTO DE MATOS, J. - Caminho do Oriente: Guia Histórico I e II.



Figura 13 - Vista da sede da coletividade Clube Oriental, Largo Leandro da Silva - Poço do Bispo (Fotografia de Ana Nevado, 2015).

Consideramos que as coletividades desempenham um papel crucial na relação societal entre territórios e comunidades, estabelecendo laços sociais e culturais intergeracionais. Para além disso, a localização e os espaços que as coletividades ocupam são também marcos de referência na cidade (e.g.: campo de futebol do *Clube Oriental de Lisboa*, em Chelas).

d.2) Hub Criativo do Beato

O HCB foi criado em 2016 e ocupa um antigo complexo fabril (Figura 14), o qual detém um reconhecido valor arquitetónico e industrial, direcionado para a prestação de serviços diferenciados para as comunidades locais, na sustentabilidade ambiental, na arte urbana, na mobilidade (e.g.: *bike sharing*).⁵³

⁵³ Hub Criativo do Beato - <https://www.hubcriativobeato.com/>



Figura 14 - Vista das instalações do *Hub Criativo do Beato*, no Beato (Fotografia de Ana Nevado, 2017).

As instalações possuem ainda uma valência expositiva (e.g.: *World Press Photo 2018*), desencadeando atividades relacionadas com as artes (e.g.: *rallies*, *workshops* e *talks* fotográficos)⁵⁴. Albergam também diversas celebrações, conferências e eventos contemporâneos e importantes em Lisboa (e.g.: *Indielisboa*)⁵⁵.

De acordo com o conceito de *adaptive reuse*⁵⁶, o modelo de desenvolvimento e de gestão do HCB procura estabelecer parcerias económicas entre promotores públicos e privados e organizações de destaque (e.g.: *web summit*), aliando: a ação da Câmara Municipal de Lisboa (que assegura o acesso e a utilização de diversas infraestruturas comuns, tais como abastecimento de água, eletricidade, *wi-fi*, acessos, etc.); diversos responsáveis (privados) pelo desenvolvimento e implementação do projeto de reabilitação e de reocupação das instalações; a *Startup Lisboa*, responsável pela promoção, gestão e programação do HCB⁵⁷.

d.3) Armazéns Abel Pereira da Fonseca

O complexo da antiga Sociedade Abel Pereira da Fonseca localiza-se no Poço do Bispo e serviu originalmente como uma importante fábrica nacional de produção de vinhos e de vinagres (Figura 15).

⁵⁴ VISÃO - Talks e rallies fotográficos gratuitos no Hub Criativo do Beato.

⁵⁵ Hub Criativo do Beato, op. cit.

⁵⁶ LEADBETER, op. cit.

BULLEN, LOVE, op. cit.

⁵⁷ Hub Criativo do Beato, op. cit.



Figura 15 - Vista dos antigos *Armazéns Abel Pereira da Fonseca*, Poço do Bispo (Fotografia de Ana Nevado, 2017).

Atualmente é um espaço eclético e parcialmente reabilitado que inclui diversos tipos de atividades (e.g.: *coworking*; restauração, desporto, comércio, etc.) (Figura 16), representando um equipamento urbano relevante na ZOL.



Figura 16 - Vista do espaço comercial “O Cantinho Vintage”, em voga, localizado nos antigos *Armazéns Abel Pereira da Fonseca*, Poço do Bispo (Fotografia de Ana Nevado, 2017).

d.4) Fábrica Braço de Prata

A antiga “Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata” ocupa um edifício oitocentista, outrora importante na zona ribeirinha oriental de Lisboa⁵⁸. A origem desse

⁵⁸ CML - Fábrica de Braço de Prata.

edifício remonta a 1904-08, tendo desempenhado um papel importante no fabrico de material de guerra durante as décadas de 1940-1970, tendo atingido o seu auge durante a Guerra do Ultramar⁵⁹. No entanto, a produção atual é sobretudo direcionada para o meio artístico (Figuras 17-18), sendo um conhecido centro cultural marcado pela versatilidade, albergando diversos espaços e eventos artísticos (e.g.: livrarias; *ateliers*; galerias de arte; concertos musicais; etc.) e envolvendo pessoas de diversos meios e idades⁶⁰.



Figura 17 - Vista de uma intervenção artística espontânea no muro de entrada (lado exterior) da FBP, Poço do Bispo/Braço de Prata (Fotografia de Ana Nevado, 2017).



Figura 18 - Vista de uma intervenção artística de Vhils, no muro de entrada (lado interior) da FBP, Poço do Bispo/Braço de Prata (Fotografia de Ana Nevado, 2017).

⁵⁹ CML, op. cit.

⁶⁰ E.g.: iniciativa “Bracinho de Prata”, para crianças. (vd. FÁBRICA BRAÇO DE PRATA – Fábrica Braço de Prata).

A FBP representa hoje um importante “laboratório produtivo”⁶¹, em paralelo com a *Lx Factory*, em Alcântara.

Modos de regenerar coletiva e colaborativamente na contemporaneidade

Seguidamente elaboramos uma sequência de passos no âmbito da criação de pactos colaborativos com vista à regeneração urbana de áreas urbanas em declínio através da transformação das dinâmicas urbanas⁶²:

- i. identificação de desafios, potencialidades, ameaças e oportunidades em áreas urbanas em declínio, através da elaboração de levantamentos e demais operações de diagnóstico por técnicos e investigadores, em conjunto com as comunidades locais;
- ii. criação de eventos nos lugares de análise/intervenção para motivação à participação de cidadãos e de entidades (públicas e privadas), em paralelo com a divulgação nos *media*;
- iii. estabelecimento de pactos colaborativos e identificação de espaços com potencial de transformação no âmbito de processos de regeneração urbana;
- iv. desenvolvimento e implementação de investimentos para a regeneração das áreas urbanas identificadas nos projetos, incluindo debates e receção de propostas definidas pelos residentes⁶³;
- v. conclusão e/ou prossecução de manutenção preventiva dos projetos implementados;
- vi. publicação de documentos alusivos aos projetos.

Deste modo, consideramos fundamental a implementação de estratégias participadas nos territórios, visando também a manutenção futura das mesmas.

Considerações finais

Sob o desafio e o objetivo lançados pelo *Laboratório Colaborativo*, o presente ensaio abordou as questões das dinâmicas urbanas por via da reutilização do património e considerando o universo das artes como meios de regenerar áreas urbanas não centrais e desqualificadas/emergentes.

Numa era marcada pela volatilidade das operações de regeneração urbana a grande escala, pelos fenómenos perversos de *filtering up* e de alojamento local que ameaçam descaracterizar os lugares e as suas identidades, urge fomentar práticas colaborativas, inter e transdisciplinares nas abordagens à cidade contemporânea, particularmente nas intervenções no parque edificado patrimonial. Consideramos ainda importante manter usos mistos nos territórios (e.g.: espaços de *coworking*), combatendo a monofuncionalidade urbana. Através de “performances clandestinas que se tornam em património urbano”⁶⁴, das cidades e das pessoas, consideramos também que as áreas urbanas históricas possuem inúmeras valências pelas diversas temporalidades que se sobrepõem e pelo potencial da reutilização de espaços. A (re)construção de paisagens urbanas originais, com vestígios de temporalidades e características de cada lugar que

⁶¹ FÁBRICA BRAÇO DE PRATA – Fábrica Braço de Prata.

⁶² Baseada nas *milestones* do projeto *Co-City* de Turim. (vd. UIA - UIA Cities. Co-City Turin).

⁶³ Baseado em: UIA - UIA Cities. Co-City Turin.

⁶⁴ FÁBRICA BRAÇO DE PRATA – Fábrica Braço de Prata.

revelam histórias e memórias, representam potencial de reinterpretação e intervenção contemporâneas. Adicionalmente, permitem mapear lugares nas cidades e identificar identidades (positivas ou negativas). Assim, cremos que as atividades de planeamento e sobretudo de gestão urbana poderão beneficiar, por um lado, do (re)conhecimento histórico dos lugares e, por outro lado, da participação multidisciplinar⁶⁵ de diversos agentes e de comunidades.

Urge construir e implementar estratégias de recomposição social e urbana, que gerem a construção de identidades e de externalidades, sobretudo em áreas urbanas precárias, marcadas pelo declínio e pela falta de investimento político. Através de abordagens sistémicas e de carácter estratégico, partindo do interior para o exterior, consideramos crucial a intervenção do poder local (e.g.: Câmaras Municipais; Juntas de Freguesia). Dependem, no entanto, de intervenções estratégicas conjuntas, entre o poder público e privado (e.g.: residentes), conjugando interesses.

Tal como os diversos casos de estudo analisados neste ensaio demonstram, a regeneração urbana pode ser promovida através de várias formas. Destacámos a possibilidade de autoconstrução (e.g.: Bairro da Cova da Moura e Bairro da PRODAC), a reutilização de pré-existências com usos contemporâneo enquanto equipamentos urbanos para a cidade e comunidades, fomentando o redensolvimento económico, social e artístico (e.g.: *Fábrica Braço de Prata*). Deste modo, demonstrou-se a relevância das entidades públicas locais (e.g.: municípios) e o impacto positivo que as parcerias poderão representar nos processos de regeneração urbana, através de estratégias de atuação em função dos lugares, das suas características e comunidades e através de modelos colaborativos de coplaneamento e de cogestão⁶⁶.

Concluimos que o fomento das dinâmicas urbanas comunitárias, enquanto património imaterial, potencia a definição de identidade(s) coletiva(s) dos lugares, a manter futuramente. Para tal, consideramos importante a partilha de histórias sobre os lugares e o debate sobre o seu futuro, assim como a realização de sessões de debate locais (e.g.: Bairro da Cova da Moura). Situadas entre a tradição e a inovação, as atividades culturais revelam-se como âncoras para as intervenções contemporâneas, relacionando as populações com os territórios, potenciando a recriação de identidades urbanas e culturais. Futuramente, e na sequência deste ensaio, pretende-se explorar esta temática focando o papel que o meio académico poderá representar no estabelecimento de parcerias colaborativas de regeneração urbana em territórios emergentes.

Bibliografia

ALPOPI, Cristina, MANOLE, Cristina – Integrated Urban Regeneration – Solution for Cities Revitalize. *Procedia Economics and Finance* 6 (2013), pp. 178-185. [Em linha]. [Consult. 22 abr. 2018]. Disponível internet: <https://ac.els-cdn.com/S2212567113001305/1-s2.0-S2212567113001305-main.pdf?tid=fd7adaca-118d-4fca-814d->

⁶⁵ E.g.: Arquitetura, Urbanismo, Planeamento e Gestão Urbana, História, Geografia, Sociologia, Economia, etc.

⁶⁶ SCHLAPPA, Hans – Co-management in urban regeneration: New perspectives on transferable collaborative practice.

[c47f39e0fdac&acdnat=1524676851_d70e3ce1e4501cd37554d8f89c00b7d7>.](https://doi.org/10.1016/S2212-5671(13)00130-5)

[https://doi.org/10.1016/S2212-5671\(13\)00130-5](https://doi.org/10.1016/S2212-5671(13)00130-5)

ALVES, Sónia – **Planeamento colaborativo em contextos de regeneração urbana**. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2001.

BULLEN, Peter, LOVE, Peter – A new future for the past: A model for adaptive reuse decision-making. *Built Environment Project and Asset Management*, 1 (2011), pp. 32-44. DOI: 10.1108/204412411111143768.

BUTLER, Toby – ‘Memoryscape’: Integrating Oral History, Memory and Landscape on the River Thames. [s.l.]: [s.n.], 2009. [Em linha]. [Consult. 23 abr. 2018]. Disponível internet: <http://www.palgrave.com/Products/title.aspx?pid=280244>>. ISBN 9780230546691.

CHOAY, Françoise – **As questões do património: antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2011. ISBN 978-972-44-1624-3.

CML – Documentos prospetivos. Plano Geral de Intervenções da Frente Ribeirinha de Lisboa. Lisboa: CML, 2008. [Em linha]. [Consult. 10 mar. 2018]. Disponível em WWW: <http://www.cm-lisboa.pt/zonas/centro-historico/urbanismo/documentos-prospetivos>>.

CML - Fábrica de Braço de Prata. Lisboa: CML, 2018. [Em linha]. [Consult. 24 abr. 2018]. Disponível em WWW: <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/fabrica-de-braco-de-prata>>.

COLAVITTI, Anna Maria – **Urban Heritage Management: Planning with History**. The Urban Book Series. Cham: Springer, 2018. [Em linha]. [Consult. 30 mar. 2018]. Disponível internet: https://doi.org/10.1007/978-3-319-72338-9_2>. ISBN 978-3-319-72338-9 (eBook).

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA – Civitas (Ancient Rome). [s.l.]: [s.n.], 2018. [Em linha]. [Consult. 30 mar. 2018]. Disponível internet: <https://www.britannica.com/topic/civitas>>.

ESTEVES, Samuel – Coleção Comunidade. In **Prodac – Comunidade em construção**. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2015. ISBN 978-989-8712-14-1.

FERREIRA PAULO, Jorge, SARMENTO DE MATOS, José – **Caminho do Oriente: Guia Histórico I e II**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. ISBN 978-972-2410-58-8

FÁBRICA BRAÇO DE PRATA – Fábrica Braço de Prata. Lisboa: Fábrica Braço de Prata, 2018. [Em linha]. [Consult. 24 abr. 2018]. Disponível em WWW: <https://www.bracodeprata.com>>.

FOLGADO, Deolinda, CUSTÓDIO, Jorge – **Caminho do Oriente: Guia do Património industrial**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

FONG, Jeff, LING, Anthony – Filtering: Gentrification in reverse. [s.l.]: Market Urbanism, 2015. [Em linha]. [Consult. 20 mar. 2018]. Disponível em WWW: <http://marketurbanism.com/2015/01/27/gentrification-in-reverse/>>.

GENERAL ASSEMBLY OF THE UNITED NATIONS – Report of the World Commission on Environment and Development. ‘Our Common Future’ (Brundtland Report). Oxford: Oxford University Press, 1987. [Em linha]. [Consult. 24 abr. 2018]. Disponível internet: <https://ambiente.files.wordpress.com/2011/03/brundtland-report-our-common-future.pdf>>.

GUNTON, Thomas, DAY, J.C. – The theory and practice of collaborative planning in resource and environmental management. *Environments*. 31, n.º 2 (2003), pp. 5-20. [Em linha]. [Consult. 21 abr. 2018]. Disponível internet: https://www.researchgate.net/publication/289187250_The_theory_and_practice_of_collaborative_planning_in_resource_and_environmental_management>.

HORITA, Masahide, KOIZUMI, Hideki – **Innovations in Collaborative Urban Regeneration**. [s.l.]: Springer, 2009.

HORTA, Patrícia – **Estratégia de ação colectiva: iniciativa bairros críticos. Operação Cova da Moura**. Lisboa: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais: Análise e Gestão do ISCTE. [Em linha]. [Consult. 09 abr. 2018]. Disponível internet: <<http://hdl.handle.net/10071/3766>>.

Hub Criativo do Beato. [Em linha]. [Consult. 02 abr. 2018]. Disponível internet: <<https://www.hubcriativobeato.com/>>.

ISCTE-IUL – Guia de Apoio ao Utilizador. Referências Bibliográficas – Manual de Normas e Estilos. Cadernos de Apoio ao Utilizador [Em linha]. n.º3 (1) (2012) – Referências Bibliográficas - Manual de normas e Estilos: NP 405. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012. [Consult. 22 abr. 2018]. Disponível internet: <http://arquivo-portal.iscte-iul.pt/Libraries/PDFs_SID2/rb_np405.sflb.ashx>.

JUNTA DE FREGUESIA DE MARVILA - Vale Fundão e Bairro da Prodac. Lisboa: Junta de Freguesia de Marvila, 2016. [Em linha]. [Consult. 16 mar. 2018]. Disponível internet: <<http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/historia/marvila-e-a-nossa-historia-2/vale-fundao-e-bairro-da-prodac>>.

KOIZUMI, Hideki – **Historical Development of Planning Theory and the Public Realm of Planning**. [s.l.]: [s.n.], 2009.

LEADBETER, Paul – Adaptive reuse of heritage buildings - Do current planning and heritage controls support the concept?. *Environmental and Planning Law Journal*. 30 (2013) 491-507.

LENZI, Cristiano – A política democrática da sustentabilidade: os modelos deliberativo e associativo de democracia ambiental. [Em linha]. *Ambiente e Sociedade*, vol. XII, n.º 1, (2009), pp. 19-36. [Consult. 24 abr. 2018]. Disponível internet: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v12n1/v12n1a03.pdf>>.

LISBOA OCIDENTAL, SRU – Lisboa Ocidental, SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana, E.M., S.A. [Em linha]. [Consult. 20 mar. 2018]. Disponível em WWW: <<http://www.lisboaocidentalsru.pt>>.

Planning Tank. Happy, healthy and successful human settlements!. [s.l.]: [s.n.], 2018. [Em linha]. [Consult. 25 mar 2018]. Disponível em WWW: <<https://planningtank.com/planning-theory/collaborative-planning-theory>>.

MASON, Michael – Collaborative partnerships for urban development: a study of the Vancouver Agreement. *Environment and planning A* [Em linha]. Vol. 39, n.º 10 (2007), pp. 2366-2382. [Consult. 30 mar. 2018]. Disponível internet: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1068/a38263>>. DOI: [10.1068/a38263](https://doi.org/10.1068/a38263).

Memória Portuguesa. Portugal em pormenor! – Bairro do Alto da Cova da Moura. [Em linha]. [Consult. 23 abr. 2018]. Disponível em WWW: <<http://www.memoriaportuguesa.pt/bairro-do-alto-da-cova-da-moura>>.

REBOLO, João – **O realojamento do bairro chinês em Marvila. Participação e autoconstrução como processo – o caso da PRODAC (1970-1974)**. Lisboa: [s.n.], 2016. Tese de Doutoramento em Arquitetura e Urbanismo do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

ROBERTS, Peter W., SYKES, Hugh – **Urban regeneration. A handbook**. 1ª Ed. Londres: Sage, 2000. ISBN 978-0-7619-6716-3. DOI: <http://dx.doi.org/10.4135/9781446219980>

SANTANA LOPES, Pedro – Bairro Prodac. In **Prodac – Comunidade em construção**. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2015. ISBN 978-989-8712-14-1.

SCML – **Prodac – Comunidade em construção**. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2015. ISBN 978-989-8712-14-1.

SCHLAPPA, Hans – Co-management in urban regeneration: New perspectives on transferable

collaborative practice. In **New Public Governance, the Third sector and Co-Production**. [s.l.]: Routledge, 2012, pp. 227-244.

SCHLAPPA, Hans – Co-production. A new perspective on partnership. In **URBACT – The URBACT Tribune**. Nancy: A.D.T. International – L’agence de Traduction. [s.l.]: [s.n.], 2018.

Semana da Reabilitação Urbana de Lisboa – Programa. Lisboa: CML, 2016. [Em linha]. [Consult. 03 abr. 2016]. Disponível em WWW: <<http://www.semanadareabilitacao.vidaimobiliaria.com/sites/default/files/lisboa2016/agenda/SRU16-Lisboa-programas-6b.pdf>>.

SMITH, Laurajane – Discourses of heritage: implications for archaeological community practice. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Questions du temps present. (2012). [Em linha]. [Consult. 13 jan. 2018]. Disponível internet: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/64148>>. DOI: [10.4000/nuevomundo.64148](https://doi.org/10.4000/nuevomundo.64148).

SPANISH PRESIDENCY – Informal Ministerial Meeting on Urban Development Declaration - Toledo. Toledo: [s.n.], 2010. [Em linha]. [Consult. 21 fev. 2018]. Disponível internet: <<http://www.eukn.eu/fileadmin/Lib/files/RO/2010/2010%2006%2022%20TOLEDO%20DECLARATION%20approved.pdf>>.

TERÁN, Fernando de. – **El pasado activo: del uso interesado de la historia para el entedimiento y la construcción de la ciudad**. Madrid: Akal, 2009. ISBN 978-8446029656.

UIA - UIA Cities. Co-City Turin. UIA, 2018. [Em linha]. [Consult. 03 abr. 2018]. Disponível em WWW: <<http://www.uia-initiative.eu/en/uia-cities/turin>>.

URBACT – The URBACT Tribune. Nancy: A.D.T. International – L’agence de Traduction. [s.l.]: [s.n.], 2018. [Em linha]. [Consult. 22 abr. 2018]. Disponível internet: <<http://urbact.eu/collaborative-practices-inclusive-urban-regeneration>>.

VALADAS, Rita – Prodac: um ninho que evolui numa freguesia que se transforma. In **Prodac – Comunidade em construção**. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2015. ISBN 978-989-8712-14-1.

VILLAGE UNDERGROUND LISBOA – Village Underground Lisboa. [Em linha]. [Consult. 20 mar. 2018]. Disponível em WWW: <<http://vulisboa.com>>.

VISÃO – Talks e rallies fotográficos gratuitos no Hub Criativo do Beato. Lisboa: Visão, 2008. [Em linha]. [Consult. 24 abr. 2018]. Disponível em WWW: <<http://visao.sapo.pt/world-press-photo/2018-04-24-Talks-e-rallies-fotograficos-gratuitos-no-Hub-Criativo-do-Beato>>.